
ESCOLAS DE MANGUALDE

ENTRADA PRECOCE NA ESCOLA

—

MAIOR INSUCESSO?

António Agnelo Figueiredo

MANGUALDE, JANEIRO DE 2012

ÍNDICE

1 – INTRODUÇÃO	1
2 – INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA	2
2.1 – PROBLEMA E OBJECTIVO	2
2.2 – HIPÓTESE	2
2.3 – VARIÁVEIS E SUA OPERACIONALIZAÇÃO	3
2.3.1 – VARIÁVEL DEPENDENTE	3
SUCESSO A LÍNGUA PORTUGUESA	3
2.3.2 – VARIÁVEL INDEPENDENTE.....	3
IDADE EM 15 DE SETEMBRO DO ANO DE ENTRADA.....	3
2.4 – METODOLOGIA.....	3
2.4.1 – CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	3
2.4.2 – INSTRUMENTO.....	4
2.4.3 – PRÉ-TESTE	4
2.4.4 – VALIDADE	5
2.4.5 – GRAU DE CONFIANÇA.....	5
2.5 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	5
2.5.1 – APRECIÇÃO GLOBAL	5
2.5.2 – NORMALIDADE DAS DISTRIBUIÇÕES.....	6
2.5.3 – ANÁLISE ESPECÍFICA.....	6
ANÁLISE EM FUNÇÃO DA IDADE	6
2.6 – LIMITAÇÕES DO ESTUDO.....	8
3 – CONCLUSÃO.....	9

1 – INTRODUÇÃO

A legislação em vigor determina que entram no 1.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico todos os alunos que completam 6 anos de idade até 15 de Setembro do ano em causa. Todavia, a lei permite que, por opção dos pais, as crianças que completam os 6 anos até 31 de Dezembro possam igualmente iniciar o seu percurso escolar. Por razões que desconhecemos e que seriam objeto de um outro estudo, a esmagadora maioria dos pais faz a opção prevista na lei, o que origina que seja significativo o número de alunos que iniciam o 1.º ano sem terem completado os 6 anos de idade.

Ora, quer nas atas do Conselho de Departamento do 1.º Ciclo, quer nas informações que nos vão chegando dos vários professores, surgem frequentes referências a problemas de imaturidade associada a insucesso ou baixo rendimento escolar, o que nos levou a avolumar suspeitas de que a entrada precoce dos alunos se ligará a posterior insucesso.

Trata-se de um problema cuja importância não pode ser minorizada, uma que:

1. O insucesso tem consequências negativas para o próprio aluno ao nível da respetiva auto imagem e futuro desenvolvimento;
2. A deficiente aquisição de conhecimentos estruturantes no 1.º ano tende a perturbar aquisições posteriores;
3. Os resultados da Escola, enquanto organização, resultam negativamente afetados.

Contudo, como acima referimos, mais não temos que suspeitas. De facto, não possuímos qualquer indicador que nos permita confirmar, ou infirmar, a nossa suspeita, razão pela qual entendemos realizar o presente estudo.

2 – INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

2.1 – PROBLEMA E OBJECTIVO

O objetivo deste trabalho é o do estudo do aproveitamento escolar dos alunos do 1.º Ciclo, tentando **determinar se os alunos mais novos – os que entraram precocemente na escola – tendem a obter classificações mais baixas**. Uma vez que, como é unanimemente reconhecido, a disciplina de Língua Portuguesa é a mais estruturante de entre as três grandes áreas que constituem o currículo do 1.º Ciclo, centraremos o nosso estudo exatamente nas classificações dos alunos àquela disciplina.

2.2 – HIPÓTESE

Com base naquilo que expusemos nos pontos anteriores, formulámos a seguinte hipótese nula:

H₀ – O sucesso escolar a Língua Portuguesa dos alunos com menos de 6 anos à data de entrada na escola, não difere significativamente do dos restantes alunos.

2.3 – VARIÁVEIS E SUA OPERACIONALIZAÇÃO

2.3.1 – VARIÁVEL DEPENDENTE

SUCESSO A LÍNGUA PORTUGUESA

As classificações dos alunos do 1.º Ciclo expressam-se numa escala de 4 níveis, a saber: Não Satisfaz, Satisfaz, Satisfaz Bem e Satisfaz Muito Bem. Entendemos por ***insucesso*** a obtenção da classificação de Não Satisfaz e por ***sucesso*** as restantes.

2.3.2 – VARIÁVEL INDEPENDENTE

IDADE EM 15 DE SETEMBRO DO ANO DE ENTRADA

Trata-se de uma variável dicotómica.

Codificamos com “0” os alunos com menos de 6 anos e com “1” os restantes.

2.4 – METODOLOGIA

2.4.1 – CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Numa primeira fase do nosso pensamento, estávamos inclinados para estudar apenas os alunos do 1.º ano. Todavia, uma vez que a transição é

automática do 1.º para o 2.º, viemos a concluir que devíamos estudar também os do 2.º ano. Assim, a nossa amostra é constituída pela totalidade dos alunos das Escolas de Mangualde a frequentar os 1.º e 2.º anos do Ensino Básico.

Depois de retirarmos os alunos a repetir o 2.º ano e os alunos que beneficiam das medidas do Decreto-Lei N.º 3/2008, obtivemos um total de 368 alunos na amostra.

2.4.2 – INSTRUMENTO

Para recolha dos dados necessários ao presente estudo, socorremo-nos, em primeira linha, dos elementos informativos existentes nos Serviços de Administração Escolar. Nesse sentido, elaboramos uma listagem de todos os alunos dos 1.º e 2.º anos, com indicação da respetiva data de nascimento e escola que frequentam.

Para recolha dos dados concretos, partilhamos *on-line* essa listagem com todos os docentes do 1.º Ciclo, solicitando-lhes, através de email, que indicassem as classificações que tinham atribuído a cada aluno no 1.º período deste ano letivo de 2011-2012.

A adesão dos docentes foi muito gratificante, de forma que, ao fim de uma semana todos tinham preenchido os respetivos elementos, com exceção de uma docente.

2.4.3 – PRÉ-TESTE

Não elaborámos.

2.4.4 – VALIDADE

Podemos considerar que a validade deste estudo é aparente ou de conteúdo, já que admitimos que possam existir variáveis não consideradas a influenciar os resultados.

2.4.5 – GRAU DE CONFIANÇA

O grau de confiança dos resultados será de 95% e o grau de significância utilizado nos testes de 5%.

2.5 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

2.5.1 – APRECIÇÃO GLOBAL

Os dados globais recolhidos são os que constam do quadro seguinte:

Português * Idade * ANO Crosstabulation

ANO			Idade		Total
			6 anos depois de Setembro	6 anos até Setembro	
1.º ano	Português	Não Satisfaz	1	10	11
		S ou SB ou SMB	35	130	165
	Total		36	140	176
2.º ano	Português	Não Satisfaz	17	26	43
		S ou SB ou SMB	24	125	149
	Total		41	151	192

2.5.2 – NORMALIDADE DAS DISTRIBUIÇÕES

Uma vez que apenas estamos a trabalhar com variáveis dicotómicas, não se justifica a verificação da normalidade das distribuições.

2.5.3 – ANÁLISE ESPECÍFICA

Análise em função da idade

Utilizámos o teste de Mann-Whitney.

		Ranks		
Idade		N	Mean Rank	Sum of Ranks
Português	6 anos depois de Setembro	77	168,49	12973,50
	6 anos até Setembro	291	188,74	54922,50
Total		368		

Test Statistics ^a	
	Português
Mann-Whitney U	9970,500
Wilcoxon W	12973,500
Z	-2,424
Asymp. Sig. (2-tailed)	,015

a. Grouping Variable: Idade

O valor encontrado, $U = 9970,5$, $p = 0,015 < 0,05$ permite infirmar a hipótese nula, isto é, **não é verdade que o insucesso a Língua Portuguesa no grupo dos alunos que entraram precocemente seja idêntico ao do grupo dos mais velhos.**

Todavia, executámos este teste considerando a totalidade dos alunos, indistintamente do ano que frequentam. Daí que a pergunta surja naturalmente: *Esta diferença verifica-se em ambos os anos de escolaridade?*

Assim, repetimos o teste seleccionando apenas os alunos do 1.º ano. Os resultados são os seguintes:

Idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
Português 6 anos depois de Setembro	36	91,56	3296,00
6 anos até Setembro	140	87,71	12280,00
Total	176		

	Português
Mann-Whitney U	2410,000
Wilcoxon W	12280,000
Z	-,962
Asymp. Sig. (2-tailed)	,336

a. Grouping Variable: Idade

Como se vê, **U = 2410,0 com p = 0,336 > 0,05**, o que vem confirmar a hipótese nula, isto é, **o insucesso a Língua Portuguesa dos alunos do 1.º ano que entraram precocemente não difere significativamente do dos restantes.**

Em seguida, repetimos o teste seleccionando, desta vez, apenas os alunos do 2.º ano. Obtivemos o seguinte resultado:

Idade	N	Mean Rank	Sum of Ranks
Português 6 anos depois de Setembro	41	78,20	3206,00
6 anos até Setembro	151	101,47	15322,00
Total	192		

	Português
Mann-Whitney U	2345,000
Wilcoxon W	3206,000
Z	-3,294
Asymp. Sig. (2-tailed)	,001

a. Grouping Variable: Idade

Neste caso, o valor de **U = 2345,0** com **p = 0,001 < 0,05** permite rejeitar a hipótese nula e confirmar que **existem diferenças estatisticamente significativas entre o insucesso a Língua Portuguesa no grupo dos alunos do 2.º ano que entraram precocemente e no grupo dos restantes.**

2.6 – LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Este nosso estudo tem, como é natural, algumas fragilidades. Aquela que nos pareceu mais evidente foi a fraca diferenciação das classificações atribuídas. Pensamos que este facto se fica a dever à circunstância de estarmos a observar classificações do 1.º período, logo relativas a um reduzido volume de matéria em avaliação. A este propósito, importa referir que 72% das classificações atribuídas foram de SB e SMB. Pensamos que no 2.º período, com mais matéria e um naturalmente maior grau de exigência, as classificações serão mais diferenciadas o que dará mais robustez ao estudo.

Uma outra fragilidade é a que decorre de os dados tratados se referirem ao 1.º período, logo a um contexto de ainda reduzida amplitude dos conhecimentos em avaliação.

3 – CONCLUSÃO

Neste breve trabalho pretendemos estudar a forma como se relaciona a idade à entrada na escola com o insucesso escolar dos alunos dos 1.º e 2.º anos. Mais especificamente, estudamos a relação entre o insucesso a Língua Portuguesa e a idade à entrada na escola. Assim, verificamos que a hipótese nula não se confirma: **os alunos com menos de 6 anos à data de entrada têm maior probabilidade de vir a não alcançar sucesso a Língua Portuguesa.** Todavia, os resultados não são idênticos nos dois anos de escolaridade em estudo. De facto, no 1.º ano não encontramos diferenças estatisticamente significativas entre o grupos de alunos com menos de 6 anos e o outro ($U = 2410,0$ com $p = 0,336 > 0,05$). No 2.º ano, pelo contrário, a diferença é evidente ($U = 2345,0$ com $p = 0,001 < 0,05$).

No nosso entender, esta diferença de resultados entre o 1.º e o 2.º ano prende-se com os conhecimentos ainda diminutos que estão em avaliação no 1.º período do 1.º ano, o que ainda não permite aferir das reais dificuldades dos alunos. Por esta razão, é nossa intenção repetir este estudo com dados do 2.º período, uma vez que, com maior amplitude de matéria e natural aumento do grau de exigência, esperamos que as classificações venham a ser mais diferenciadas, o que permitirá o aprofundamento do estudo.

Estes resultados aconselham a sua própria divulgação, no sentido de virem a ser considerados no momento em que os pais tomam a decisão de matricular precocemente os seus educandos.

Assim, os professores e os educadores de infância não podem deixar de referir aos pais que **a probabilidade da matrícula precoce poder conduzir ao insucesso escolar é real e elevada e que, portanto, devem considerar a alternativa de prolongar em um ano a frequência do Jardim de Infância**, de modo a garantir a entrada na escola com uma maturidade acrescida.